

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2008

O CANTO DE ARÍON DE METIMNA (FR. ADESP. 939 PMG)

No primeiro livro das *Histórias*, Heródoto introduz na narração um relato popular sobre o salvamento de um poeta célebre por um golfinho, que ocorrera durante a vida de Periandro, tirano de Corinto entre c. 625 e 585 a.C. (1. 23-24). Trata-se da mais antiga referência literária a Aríon de Metimna (Lesbos), que o historiador de Halicarnasso apresenta como ‘um citaredo não inferior a qualquer outro da sua época, o primeiro dos homens, de que temos conhecimento, a compor ditirambos, a dar-lhe esse nome e a fazê-lo executar em Corinto’ (1. 23)¹. Heródoto nota que a lenda era contada por Coríntios e confirmada pelos habitantes de Lesbos (cf. 1. 23 e 1. 24. 8), o que indicia a existência de uma tradição sólida, provavelmente oral, já na época clássica.

De acordo com este relato, Aríon vivera a maior parte da sua vida na corte de Periandro, mas em determinada altura sentiu vontade de divulgar o seu talento na Magna Grécia. Partiu e, depois de ganhar muito dinheiro, decidiu regressar a Corinto num barco de marinheiros desta cidade. Estes, porém, levados pela perfídia e pela ambição, projectam matar o ilustre citaredo atirando-o ao mar. Quando viu que as suas súplicas não o salvavam, Aríon pediu que o deixassem, pelo menos, executar uma última melodia. Assim que terminou, lançou-se ao mar e um golfinho tomou-o no dorso e levou-o para o Ténaro, o cabo mais meridional do Peloponeso (actual cabo Matapan). O historiador encerra a digressão observando que existia naquele promontório uma estátua de Aríon no dorso de um golfinho.

Embora a existência histórica desta figura não seja segura, Heródoto e a notícia da *Suda* (s.v. Ἀρίων) situam o seu *floruit* no último quartel do séc. VII a.C. – o que o aproxima cronologicamente de Safo, Alceu e Estesícoro – e atribuem-lhe um papel determinante na evolução da forma coral do ditirambo². Aríon é o primeiro poeta a ser associado à protecção de um

¹ Tradução de José Ribeiro Ferreira, *Heródoto. Histórias: livro 1º* (Lisboa 1994).

² Sobre este assunto, vide G. A. Privitera, “Il ditirambo come spettacolo musicale. Il ruolo di Archiloco e di Arione”, in B. Gentili e R. Pretagostini (edd.), *La*

tirano, realidade que se tornará frequente a partir do séc. VI a.C. Por conseguinte, este passo das *Histórias* é também um retrato vivo da carreira de um artista da época arcaica, um testemunho da mobilidade que caracterizava a actuação dos poetas gregos, em especial dos cultores de lírica coral, e das dificuldades e peripécias a que estavam sujeitos nas suas deslocações.

A popularidade de Aríon na tradição greco-latina não se deve tanto a estas questões de história literária, mas à aventura que o associa a um dos animais mais amados pelos povos do Mediterrâneo e do qual nos chegaram representações desde a Idade do Bronze, como os célebres frescos minóicos do palácio de Cnossos e de Tera.

A lenda, difundida pelo povo de Corinto e de Lesbos, notara Heródoto, e que pode ter tido origem num antigo culto coríntio em honra de Diónisos³, tornou-se num tema literário e artístico cuja influência chegou até ao nosso tempo. Além da estátua erguida no Ténaro, referida pelo historiador (1. 24. 8) e por Pausânias (3. 25. 7; cf. 9. 30. 2), o salvamento de Aríon foi gravado nas moedas de Metimna e de Tarento⁴, e recordado pelos autores gregos e latinos, como Ovídio (*Fast.* 2. 79-118), Plutarco (*Sept. sap. conv.* 18. 161a-19. 162b), Luciano (*DMar.* 5) e Higino (*Fab.* 194, *Astr.* 2. 17).

Do talento artístico do citaredo de Metimna, todavia, não nos chegaram efectivamente provas. Cláudio Eliano, autor do séc. II-III da nossa era, na sua compilação de factos extraordinários sobre animais, cita um hino composto por Aríon em honra de Poséidon como prova de que os golfinhos eram grandes apreciadores de música. Trata-se, porém, de uma obra espúria, pelo que integra os *fragmenta adespota* do *corpus* de poesia lírica grega (*Natureza dos Animais* 12. 45 = fr. 939 PMG)⁵:

Musica in Grecia (Roma-Bari 1988) 123-131; B. Zimmermann, *Dithyrambos. Geschichte einer Gattung* (Göttingen 1992) 24-29; G. Ierandò, “Arione e Corinto”, *QUCC* 41.2 (1992) 39-52 e o nosso estudo *Mobilidade poética na Grécia antiga. Uma leitura da obra de Simónides* (Coimbra 2005) 57-62.

³ Cf. W. Burkert, *Homo Necans. The Anthropology of Ancient Greek Sacrificial Ritual and Myth* (Berkeley 1983) 199.

⁴ Vide J. R. Ferreira, cit. (n. 1), p. 70 n. 32. Para a iconografia do poeta, vide G. M. A. Richter, *The Portraits of the Greeks*. Abridged and revised by R. R. Smyth (Oxford² 1984) 269-270; H. A. Cahn, *LIMC* II (München 1984), s.v. Arion.

⁵ Seguimos a edição de D. A. Campbell, *Greek Lyric V: The New School of Poetry and Anonymous Songs and Hymns* (Cambridge, Mass. 1993) 360-363.

ἕψιστε θεῶν
 πόντιε χρυσοτρίαινε Πόσειδον
 γαῖαοχ' ἐγκύμον' ἀν' ἄλμαν·
 βραγχίους δὲ περί σε πλωτοὶ
 θῆρες χορεύουσι κύκλω
 κούφοισι ποδῶν ῥίμμασιν
 ἐλάφρ' ἀναπαλλόμενοι, σιμοὶ
 φριξαύχενες ὠκύδρομοι σκύλακες, φιλόμουσοι
 δελφῖνες, ἔναλα θρέμματα
 κουρᾶν Νηρείδων θεᾶν,
 οὓς ἐγείνατ' Ἀμφιτρίτα·
 οἷ μ' εἰς Πέλοπος γᾶν
 ἐπὶ Ταιναρίαν ἀκτᾶν ἐπορεύσατε
 πλαζόμενον Σικελῶ ἐνὶ πόντῳ,
 κυρτοῖσι νώτοις φορεῦντες,
 ἄλοκα Νηρείας πλακὸς
 τέμνοντες, ἀστιβῆ πόρον,
 φῶτες δόλιοί μ' ὡς ἀφ' ἀλιπλόου γλαφυρᾶς νεῶς
 εἰς οἶδμ' ἀλιπόρφυρον λίμνας ἔριψαν.

Supremo deus, senhor do mar, Poséidon do tridente de ouro,
 que a terra sacode com vagas ondeantes,
 à tua volta, os seres aquáteis, com suas barbatanas,
 dançam em círculo em lances rápidos, saltando com agilidade,
 cachorros de focinho chato, colo cerdoso, velozes,
 [golfinhos amantes da música,
 criaturas marinhas das divinas filhas de Nereu, os quais Anfitrite gerou:
 eles é que me levaram para a terra de Pélops, rumo ao cabo Ténaro,
 andava eu errante no mar da Sicília,
 acolhendo-me em seus dorsos curvos, abrindo sulcos
 [na planura de Nereu,
 passagem não trilhada,
 quando homens pérfidos me lançaram da mareante cônica nau
 para as ondas purpúreas do mar.

Segundo informa Eliano, o poema é um hino de agradecimento a Poséidon e, ao mesmo tempo, uma forma de retribuir a gentileza dos

golfinhos para com Aríon. É opinião unânime que terá sido composto por um poeta dos fins do séc. V a.C.⁶

O poema não prima por grandes rasgos de originalidade, sendo a acumulação de epítetos a característica formal mais marcante. Embora Eliano o cite para provar que os golfinhos se deixam seduzir pela música, essa ideia já aparece, pelo menos, em Píndaro, que num fragmento menciona a excitação que manifestavam ao ouvirem o som do *aulos* (fr. 140b. 15-17 Maehler).

De acordo com a estrutura típica dos hinos, o poema inicia-se com uma longa apóstrofe a Poséidon, na qual se enumeram os atributos mais conhecidos do deus do mar (1-3). Num segundo momento, o poeta centra-se na descrição das criaturas homenageadas (4-11): as exibições típicas, as características anatómicas mais evidentes, a paixão pela música e a origem divina. As qualidades destes animais são, assim, explicadas miticamente: os golfinhos são seres divinos que uma nereide gerou. Só na terceira parte do hino é que se sugere a identificação do autor da composição, pelas referências geográficas (o transporte das águas da Sicília até ao Ténaro) e pela menção dos piratas, que encerram os tópicos principais da lenda de Aríon.

Como já foi dito na introdução, pela associação directa ao mar, o golfinho é um tema recorrente quer na arte grega quer na romana. Plínio, o Antigo, na secção que lhe dedica na *Naturalis Historia* evoca diversas lendas da tradição greco-latina que põem em evidência o comportamento amistoso deste mamífero, em especial para com crianças (9. 20-33).

A lenda de Aríon salvo por um golfinho continuou a ser citada e integra o catálogo dos temas greco-romanos mais influentes da cultura ocidental. Uma das obras mais recentes é a ópera *Arion*, com música composta por Alec Roth e libreto escrito por Vikram Seth. Encomendada pela English National Opera, foi levada à cena em 1994. O mesmo libreto foi adaptado para um público infantil com o título *Arion and the Dolphin* e ilustrações de Jane Ray (London, Orion, 1994).

A compilação organizada por Jane D. Reid, ainda que bastante incompleta, mostra que o tema de Aríon inspirou, em especial, as artes

⁶ Cf. D. A. Campbell, *ibidem*, p. 361 n. 3.

plásticas e decorativas, bem como a música e a literatura⁷. Não menciona, porém, uma obra que pertence ao Museu Nacional de Arte Antiga. Trata-se de uma colcha indo-portuguesa do séc. XVII, na qual os temas clássicos (história de Aríon e de Hércules, em especial) se combinam com episódios bíblicos, com a mitologia hindu e cenas da vida quotidiana⁸.

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA

⁷ J. D. Reid, *The Oxford Guide to Classical Mythology in the Arts, 1300-1900s*. Vol. I (Oxford 1993) 214-215.

⁸ Esta peça foi estudada com grande pormenor pelo Prof. Victor Jabouille: “Temática clássica na decoração de uma colcha indo-portuguesa do século XVII”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa* 3 (Abril 1985) 47-62. Vide ainda T. P. Pereira e T. Alarcão, *Fábulas Bordadas. Uma colcha indo-portuguesa do séc. XVII* (Lisboa, MNAA, 1988).